

MÍDIAS DIGITAIS, HISTÓRIA E CIBERCULTURA: ferramentas digitais como estratégias para a promoção da educação antirracista no Ensino de História

Danielle Lins Lima Ferreira ¹
Josaniel Vieira da Silva ²
George André Lando ³

RESUMO

A pandemia de COVID -19 alterou profundamente nossa relação com as mídias digitais e disseminou a ampla implementação da utilização de tais veículos de comunicação como ferramenta para educação, apresentando novas possibilidades entre o diálogo histórico e a juventude. O presente artigo tem como objetivo discutir acerca das mídias digitais no contexto da educação, ciberespaço e cultura relacionada a temática das relações étnico-raciais como proposta pedagógica para dinamizar as aulas de História, a favor de uma educação antirracista. Através de revisão bibliográfica de caráter exploratório feita em documentos curriculares norteadores, bem como, o uso da análise da história cultural para o ensino de História na dialética com a temática do feminismo negro, os conflitos das identidades na pós modernidade bem como a indústria de massa. Em confluência com experiências pedagógicas exitosas sobre a temática étnico-racial em escola municipal do ensino fundamental anos finais durante a pandemia, pretendendo-se demonstrar como as tecnologias podem ser ferramentas úteis na dinâmica do ensino. O artigo relata e destaca como resultado de análise a importância de sistematizar atividades que perpassem as novas tecnologias e a cultura do ciberespaço. Para além disso, corrobora para um fazer histórico que considera o espaço global através de técnicas e ferramentas de interpretar as relações étnico-raciais e implementação de educação antirracista.

Palavras-chave: Mídias Digitais, Ensino de História, Cibercultura; Educação Antirracista.

INTRODUÇÃO

Não é novidade que a pandemia alterou profundamente nossa relação com as mídias digitais. A escola com o processo de isolamento social experimentou uma nova etapa antecipada da implementação de sistemas híbridos de educação. Um imenso universo de possibilidades e desafios se apresentou a professores e professoras, bem como a estudantes do século XXI, como

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas da Universidade de Pernambuco - UPE, dani.lins@hotmail.com;

² Doutor pelo Curso de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor Adjunto do Curso de Pedagogia e Mestrado em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas - PROCADI/UPE, josaniel.vieira@upe.br;

³ Doutor pelo Curso de Direito da Faculdade Autônoma de Direito de São Paulo - FADISP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas da Universidade de Pernambuco – PROCADI/UPE, giorge.lando@upe.br.

aulas online, atividades em formulários eletrônicos, entrega de tarefas de casa através do smartfone, trocas de mensagens de áudios, entre outras formas de comunicação via internet.

Diante de tal contexto, este artigo fomenta as práticas do ensino de História, particularmente, diante de uma implicação evidente: como acompanhar o desenvolvimento da temática do antirracismo aliado às técnicas com as mídias digitais e do ciberespaço utilizando-os a nosso favor?

O presente artigo tem como objetivo discutir acerca das mídias digitais no contexto da educação, ciberespaço e cultura relacionada a temática das relações étnico-raciais como proposta pedagógica para dinamizar as aulas de História, a favor de uma educação antirracista. Assim, pretende-se através de revisão bibliográfica demonstrar como as tecnologias podem ser ferramentas úteis na dinâmica do ensino sistemático que perpassem o uso das mídias digitais no contexto da cibercultura. Para a revisão bibliográfica foram selecionados documentos curriculares norteadores como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo de Pernambuco em consonância com a historiografia da história cultural de Circe Maria Fernandes Bittencourt e o auxílio de intelectuais como bell hooks e seus estudos sobre o feminismo negro e a educação, Stuart Hall e as identidades em conflito da pós modernidade, Jésus Martín-Barbero e a manipulação da indústria de massa bem como a descolonização dos currículos de Nilma Lino Gomes.

Juntamente a esta nova realidade, temáticas peculiares tais como feminismo negro, movimento vida negras importam e Big Brother Brasil começaram a fazer parte do contexto das aulas entre 2020 e 2021. Estes debates foram amplamente comentados por influenciadoras e influenciadores digitais que através de suas redes sociais aliados a velocidade da disseminação de informação em tempo recorde chegam nas vivências do ciberespaço daqueles estudantes que tem acesso as mídias digitais. Neste contexto, o ensino parece ter dado uma guinada, e forçado para que os debates se tornassem mais profundos nas aulas, e no próprio emaranhado do ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a temática das relações étnico-raciais erige-se de fundamental importância para que a educação contemporânea, que através da Lei nº 10.639/03⁴ estimulou o repensar das bases da educação brasileira que há muito esteve centrado na história oficial deixando de lado negros, indígenas e mulheres bem como outras ditas minorias. É neste percurso que a disciplina de História se torna mola propulsora para o debate e a intervenção para gerir um modelo de educação que prime pela inclusão de homens e mulheres negras na

⁴ A Lei nº 10.639/03 determina a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

construção do fazer histórico através de seus protagonismos culturais e ancestrais cujas referências parte da África e do processo diaspórico. Nas aulas virtuais de História no 9 ano do ensino fundamental da escola Municipal São Vicente localizada na cidade de Saloá em Pernambuco, vivenciou-se em 2021 uma experiência exitosa através de uma sequência didática que preponderou sobre as relações étnico-raciais e o protagonismo do feminismo negro.

Para este debate o artigo divide-se em quatro partes: na primeira parte, veremos o percurso metodológico para a análise das mídias digitais, do ensino de História e a confluência entre estes com a cibercultura através de revisão bibliográfica. Neste tópico é importante destacar em que ponto o artigo entrelaça os três temas sobre as questões étnico-raciais e a forma que coletamos os dados apresentados. Na segunda parte trataremos de uma experiência exitosa em aulas virtuais e os desafios dos autores deste artigo para o fomento do diálogo Ensino de História e mídias digitais para promoção de uma educação antirracista pautado em leituras sobre racismo, sexismo, educação e cultura. Na terceira parte os resultados arrematam o debate sobre os avanços, êxitos e desafios para o Ensino de História no âmbito da Era das Mídias Digitais e na quarta parte as considerações finais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa de revisão de literatura tem caráter exploratório acerca da temática, para a qual se utilizou de uma abordagem qualitativa a partir da experiência pedagógica.

Gomes (2012) enaltece em suas obras a importância de aprofundar o debate acerca do currículo descolonizado. Em 2012, a autora já vislumbrava a necessidade de se observar o currículo, e neste sentido, a presente experiência dialoga com a premissa desafiadora exposta por Gomes:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (GOMES, 2012, p. 102)

Sendo assim, os dados coletados referem-se a uma experiência exitosa dos alunos do 9 ano do ensino fundamental anos finais, cujas amostragens estão nos objetivos da sequência didática preparada para as aulas em questão, bem como produções feitas pelos estudantes que terão suas identidades preservadas, sendo apresentados aqui apenas resultados de dois trabalhos.



Para análise deste material e da experiência em ambiente virtual, faz-se necessário um debate com a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo de Pernambuco, que em um de seus objetivos para o 9º ano demonstra a preocupação com a formação da sociedade brasileira e o papel dos negros na nossa história através de sua ativa participação:

(EF09HI04PE) Identificar os mecanismos de inserção da sociedade brasileira no pós-abolição e avaliar os seus resultados, reconhecendo, analisando e valorizando a participação dos povos africanos e dos afro-brasileiros nesse processo, em sua diversidade sociocultural, nos vários períodos da história local, regional e nacional. (BRASIL, 2022, p. 20)

REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo a História a ciência que se estabelece através das transformações e vivências dos seres humanos no tempo, esta não poupou esforços para compreender seus eventos através de historiografias diversas. As diversas correntes historiográficas nos conduzem a infinitas possibilidades, a experiência aqui exposta parte do pressuposto da História Cultural que envolve diálogos com Antropologia, possibilitando, assim, a inserção de temas como as relações étnico-raciais nos objetivos da História escolar. Bittencourt (2009) pondera sobre os conteúdos escolares e o uso da historiografia cultural e a preocupação das vozes da "margem":

O encontro da História com a Antropologia foi significativo para a compreensão da própria noção de história, cuja existência se iniciava, segundo a maioria das obras didáticas, apenas após a invenção da escrita. Os povos sem escrita, esquecidos ou anilados pela "história da civilização", como é o caso das populações africanas e indígenas, foram incorporados à historiografia, o que obrigou os historiadores a recorrer a novos métodos de investigação histórica, introduzindo novas fontes de importância fundamental em suas pesquisas, como a memória oral, as lendas e mitos, os objetos materiais, as construções, entre outras. (BITTENCOURT, 2009, p. 149)

Este estreito debate nos leva a pensar as identidades que são construídas no processo de encontros antagônicos onde a margem se posiciona como produtora de conhecimentos que muitas vezes não estão nos livros didáticos. Para tanto, Bittencourt (2009, p. 149) explica que: "Como fruto desta aproximação com a Antropologia, sedimentou-se uma história cultural que atualmente procura vincular micro-história com a macro-história [...] conhecida como nova história cultural".

Atualmente as experiências sensoriais culminaram numa educação palpável entre teorias e práticas culturais dos estudantes, através da velocidade de informações e do ciberespaço conceituado como espaço de vivências interpessoais e coletivas através de trocas de informações num ambiente virtual por meio de imagens, sons e conteúdo que estreitam os



laços com a história cultural de vários povos e vivências antes impensáveis sem uma viagem ou trocas presenciais.

O surgimento da Internet como uma rede mundial de computadores, veio confirmar essas expectativas ao criar um espaço para a expressão, conhecimento e comunicação humana. Porém trata-se de um espaço que não existe fisicamente, mas virtualmente: o ciberespaço. Termo que foi idealizado por William Gibson, em 1984, no livro *Neuromancer*, referindo-se a um espaço virtual composto por cada computador e usuário conectados em uma rede mundial. (VESCE, 2022)

No ensino de História, as mídias digitais e as experiências do ciberespaço agregam um valor de prática cultural em construção, pois este contato massificado com temas antes restrito a academia ou movimentos sociais chega à escola como imposição de necessidades emergentes. Na teoria de bell hooks, quando aborda a educação transgressora e pedagogias libertadoras no viés do feminismo negro, nos deixa frente a frente com um teórico brasileiro Paulo Freire, que há muito conhecemos. Ao estudar Paulo Freire, bell hooks (2013) escreve sobre sua pedagogia em movimento, que autora vai intitular "pedagogia engajada". Para hooks (2013, p. 26), a obra de Freire afirmava que “a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar”.

Este debate nos leva a aula que foi ministrada através de uma sequência didática, a qual teve como foco uma educação que prima por discutir sobre a temática do feminismo negro, bem como na apresentação de produtos artísticos que atuem no combate ao racismo e discriminações a partir da construção de uma consciência política e histórica da diversidade, que na sua premissa traz a realidade dos povos afro-brasileiro como produtor de conhecimentos. Assim, compreende-se como uma educação antirracista aquela que percorre um caminho neste sentido, atrelado, de modo mais profundo, as teorias e ao currículo vigente, que por força do movimento negro se materializa na Lei nº 10.639/03, estimulando a Base Nacional Comum Curricular a estabelecer objetivos para a compreensão desta construção social, como podemos observar abaixo:

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual (BRASIL, 2022, p.565)

É preciso responder de forma crítica as implicações que Stuart Hall (2013) prepondera sobre "Que Negro é esse na cultura negra?". No Brasil, tornou-se muito comum minimizar a luta do povo negro através da História e da Antropologia construídos em cima do mito da democracia racial propagada por Gilberto Freyre, que folclorizou as vivências históricas dos povos afro-brasileiros. Tais pensamentos e interpretações culminaram em estratificação de

classes da nossa sociedade, criando assim culturas periféricas que não esteve nos livros de História, assim como nos diz Bittencourt (2009) da educação brasileira no século XIX “O ensino de História na escola primária precisava assim integrar setores sociais anteriormente marginalizados do processo educacional sem, contudo, incluir nos programas curriculares a participação deles na construção histórica da Nação.” (BITTENCOURT, 2009 p.64)

Mas assim com Hall nos diz que embora a cultura mantenha-se periférica também é espaço de produtividade e não por abertura das classes dominantes, mas sim por um processo de políticas culturais que envolvem grupos marginalizados em torno de um novo tipo política (HALL, 2013, p. 376). O produto proveniente desta cultura aparece imprescindível um século depois na educação brasileira.

Ademais, novos métodos também se apresentam como necessários ao ensino da História como o uso das novas tecnologias. Bittencourt (2009) alerta sobre o uso crítico e responsável das tecnologias:

Portanto, os métodos, no processo de renovação curricular, devem-se ater a essa série de problemas trazidos do mundo tecnológico, com o entendimento de que tais tecnologias não são inimigas, mas também não são produtos que possam ser utilizados sem uma crítica profunda do que se transmite, das formas individualistas de comunicação e de lazer que estabelecem, do ideário de uma submissão irrestrita ao domínio da máquina como instrumento educativo que promovem. (BITTENCOURT, 2009, p. 109)

Por si só as mídias digitais e as vivências no ciberespaço não trazem consigo interpretações críticas, mas não podemos desconsiderar que é um espaço intuitivo de informações, fazendo-se necessário ao historiador e historiadora estabelecer critérios e métodos para que seu uso não seja vazio ou efêmero. Não podemos encará-lo como um produtor mínimo de conhecimento, que por ser utilizado pela massa não possa gerar transformações importantes na nossa sociedade.

As massas durante muito tempo foram vistas como algo manipulável que nada produzia, apenas consumia, mas com os avanços da massificação das mídias há de se considerar que as massas contemporâneas ganham novos contornos. Na visão de Barbero (1997) as massas garantem seu valor “Se antes situavam-se fora, como turbas que ameaçam com sua barbárie a "sociedade", as massas se encontram agora dentro: dissolvendo o tecido das relações de poder, erodindo a cultura, desintegrando a velha ordem” (BARBERO, 1997, p. 44) posteriormente a este trecho o autor irá fazer uma análise crítica das formas de manipulação das classes dominantes em detrimento das massas, mas é importante destacar que este novo cenário das redes sociais e do ciberespaço reconfigura o que antes vamos chamar massa alienada.



Um exemplo prático da importância das mídias digitais é o movimento Vidas Negras Importa que se popularizou na velocidade da tecnologia onde tornou-se importante em esfera global. Gomes (2012) afirma que:

As mudanças sociais, os processos hegemônicos e contra-hegemônicos de globalização e as tensões políticas em torno do conhecimento e dos seus efeitos sobre a sociedade e o meio ambiente introduzem, cada vez mais, outra dinâmica cultural e societária que está a exigir uma nova relação entre desigualdade, diversidade cultural e conhecimento. Os ditos excluídos começam a reagir de forma diferente: lançam mão de estratégias coletivas e individuais. (GOMES, 2012, p. 102)

Ademais, como experiência pedagógica a construção deste artigo baseia-se na discussão de uma educação antirracista através do ensino de História e o uso das mídias digitais, que priorizou uma temática debatida amplamente nas redes sociais e posteriormente sistematizada para que os/as estudantes de modo crítico considerem leituras de mundo e estabeleçam capacidades de intervir na sociedade de maneira positiva, a favor de uma educação justa e antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

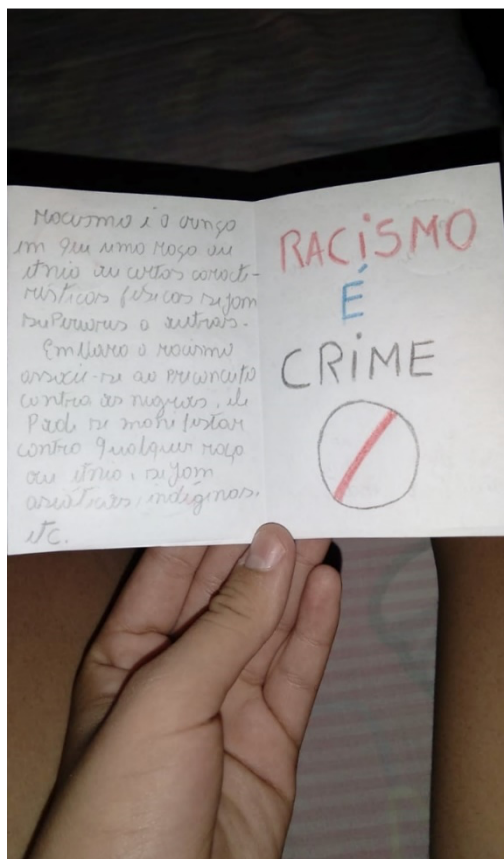
A experiência que selecionamos para este artigo parte de uma sequência didática intitulada Feminismo Negro, onde o público-alvo fora os alunos do 9 ano do ensino fundamental anos finais. Esta vivência se dá no contexto da pandemia e a aula foi ministrada através da mídia digital WhatsApp, onde as trocas de áudios, vídeos e proposta pedagógicas ocorrem integralmente neste espaço virtual.

Os/as alunos/as tiveram contato com a proposta de atividade que consistiu em aulas expositivas com discussões e reflexões através de leitura de textos – artigos, entrevistas e quadrinhos online, bem como análise de redes sociais e produção de um fanzine, “A palavra ‘fanzine’ nasceu da redução fônica da expressão fanatic magazine. Ela provém da combinação do final do vocábulo ‘magazine’, que tem o sentido de ‘revista’, com o início de ‘fanatic’.” (SANTANA, 2022). É importante destacar que os textos, quadrinhos e entrevistas tiveram como foco produções de mulheres negras, a fim de que os estudantes tivessem contato com o produto e as autoras dos produtos.

A sequência didática foi dividida em quatro aulas, onde foi possível explicar a temática, debater, produzir e avaliar. Como produto deste momento tivemos a construção de fanzines que são pequenas revistas que tem uma linguagem que dialoga com a juventude por sua informalidade. Sendo um produto que provém da linguagem empírica, os alunos ficaram livres

para construir suas revistinhas conforme tenham compreendido a temática, como veremos abaixo na figura 1.

Figura 1. Produção de fanzine. Tema: Racismo é crime como texto da pesquisa.



Fonte: os autores, 2022

A utilização destas novas linguagens na vivência da prática do ensino de História através das mídias digitais permite-nos acompanhar as dinâmicas da história cultural no tempo presente com cuidado metódico, pois, a história do tempo presente pressupõe critérios metodológicos e conceituais que não só reproduzam informações jornalísticas sem profundidade de análise (BITTENCOURT, 2009, p. 153)

Na figura 2, podemos ver que a representatividade da mulher negra está na capa da revista, está interação entre a luta de mulheres negras e suas conquistas, no debate de uma aula de História que enfatiza a visibilidade de mulheres, faz com que esta disciplina não seja obsoleta na era das mídias digitais e da cibercultura tendo em vista que é na urgência do presente que se constituem as relações humanas. A temática do feminismo negro enriqueceu o debate pois as imagens demonstram que existem preocupações por parte dos/das estudantes com as temáticas de seu tempo.

Nesse sentido, outros temas surgiram no caminho, como a solidão e a violência contra a mulher. Vale registrar a frase da aluna que dizia: “Por um mundo, onde não tenho medo de ser mulher”, como também o fenômeno da transfobia exposto pelo aluno quando ele repete a triste frase: “O país que mais mata LGBT”.

A juventude preocupa-se com tais fenômenos de violência e exclusão, a produção dos fanzines e até a facilidade de comunicação no ciberespaço fizeram com vários alunos ousassem se expressar politicamente e criticamente acerca de temas caros a nossa sociedade.

Figura 2. Produção de fanzine. Tema: Protagonismo da mulher negra e representatividade



Fonte: os autores, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de História no ensino fundamental possibilitam aos estudantes que se encaminham para o Ensino Médio, refletir criticamente sobre seu tempo, amadurecendo sua posição no mundo como sujeitos históricos. Aos professores e professoras de História o

momento é oportuno para utilizar as mídias digitais para realizar os desejos de utilizar vídeos, esquemas gráficos e imagens de um modo mais ágil para as duas aulas semanais que dispomos na grade curricular nas turmas do ensino fundamental anos finais. Sabendo que a carga horária é mínima, e que com a novas propostas do Ensino de História encurtaram ainda mais as vivências com a disciplina, faz-se necessário um embate com temas aqui apresentados.

A experiência pedagógica apresentada, bem como o embate teórico, implicou em pesquisar, estudar, debater e rever o percurso formativo do ensino de História para enveredar por terrenos desconhecidos das formalidades do ensino tradicional incluindo as temáticas do feminismo negro e as relações étnico raciais para uma educação antirracista. As relações étnico raciais apresentaram-se para nós de modo significativo na pandemia através das mídias digitais, que encara uma dinamicidade tão rápida que as informações fizeram com que nossos estudantes problematisassem questões inerentes as suas realidades, como o racismo, o sexismo e a transfobia, que nas aulas de História pode-se transformar sistematicamente em conhecimento.

A pandemia de fato nos trouxe vários desafios e impactos negativos para educação tendo em vista que muitos estudantes estiveram excluídos da educação digital reverberando num foço de desigualdades, mas também forçou educadores a reinventar suas aulas através das mídias digitais, usando está ferramenta no processo de ensino aprendizagem. como o uso das mídias digitais e do ciberespaço.

O debate exposto nesse artigo demonstra que as novas perspectivas de aprendizagens estão presentes em nosso cotidiano e podemos e devemos utilizá-las a favor de uma formação intelectual e autônoma que garanta a equidade entre negros e brancos através de estudos como do feminismo negro e a dinâmica das relações étnico-raciais através do ensino de História e as mídias digitais como ferramenta para ampliação do debate.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo. Cortez, 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182o da Independência e 115o da República. Disponível em < https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf> Acesso em 19 jun. 22.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 16 jun. 2022.



BRASIL. Seduc de Pernambuco. **Organizador Curricular por Bimestre – Ensino Fundamental – Anos Finais – História**, 2022. Disponível em <<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/19477/Hist%C3%B3ria.pdf>> Acesso em 19 jun. 22.

GOMES, N. L. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, Jan/Abr. 2012. Disponível em <http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf> Acesso em 19 jun. 22.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BARBERO J. M. **Dos meios às mediações**: comunicação. cultura e hegemonia I. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ. 1997.

SANTANA, A. L. Fanzine. **Infoescola Navegando e Aprendendo**, 2022. Disponível em <<https://www.infoescola.com/curiosidades/fanzine/>> Acesso em 19 jun. 22.

STUART, H. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. 2, ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VESCE, G. E. P. Ciberespaço. **Infoescola Navegando e Aprendendo**, 2022. Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/citacao-de-site>> Acesso em 17 jun. 2022.